

"A Luta"

11 abril 1915

ARTE EXOTICA

Os poetas do "Orfeu" e os alienistas

Dois ilustres psiquiatras portugueses, um dos quaes o sr. dr. Julio de Mattos, dão a sua opinião sobre o "paúlismo"

A Arte, meus senhores, é a Revelação.

Adiante.

Apareceram ahi, soluçando maguas de fantasmagoria, evocando requintes de visionismo nebuloso, uns manebos que, como bramanes de não sabemos que pavorosa superstição artistica e filosofica, pretendiam conservar, em «suas mãos finadas, sobre setins» na infecta pureza astral, as aras do Misterio, a divina essencia da Ansia e da Emoção. Murmuraram linguagens desconhecidas, lacrimejaram gemidos incompreensíveis.

Acha-mos bem.

Foram assim iniciadas todas as religiões. O Nazareno falou



A capa da revista «Orpheu»

por parabolias ás almas errantes do pecado. Os profetas foram epileticos, sonhadores videntes, que andaram tangendo, por sobre os calhaus da montanha, e nas aridas plagas do martirio, o alaúde magico da Fé. Entoaram em ritmos ungidos de perdão, de graça e de doçura, o cantico triumphal da salvação. Desincarnaram a dôr, fizeram a beleza espiritual e criaram a Suprema Ilusão.

Achamos bem.

A final os poetas são os profetas. Ha poemas feitos de nevrose e ha poemas em que a suavidade modula hinos de paz e de doçura. E no delirio febril das convulsões e da melodia enternecida das baladas pastoris, a Beleza transparece e escravisa, espiritualisa e vence.

Mas os mancebos preciosos da nova escola literaria produziram uma inqualificavel aberração. Publicaram o 1.º numero na sua biblia trimensal, o *Orfeu*, e a humanidade riu. Ora os profetas que andaram tangendo o alaúde místico da Fé foram cuspidos e açoiçados, crucificados e apedrejados. Os paulistas não. Ninguem se indignou contra eles. Num epico unisono de bom humor, a humanidade premioulhes as esquisitices á gargalhada.

Comtudo, talvez eles fossem antes dignos de piedade. Quem sabe? Victimias de uma degenerescencia cruel, tarados de perversões implacaveis, que traduziram em sonoridade verbal, as perturbações cerebraes, o bailado diabolico das suas alucinações.

Em verdade, não acreditavamos muito nisso. Os poetas do *Orfeu*, como os seus manos da revista coimbrã *A Galera*, são creaturas que teem dado excelentes provas da normalidade constitucional das respectivas cabeças. E' vel-os por ahi a falarem e a escreverem em vulgata, correntiamente, e até—ô cumulo da saude! — bastante mediocrementemente...

No entanto, não nos achavamos completamente seguros a este respeito. E porque esta efervescencia doentia de literaturas cabalisticas que por ahi apareceram poderia ser o indice de uma grande corrente de nevrose colectiva, digna do estudo dos homens de sciencia, fomos procurar dois illustres psiquiatras que nos poderiam elucidar seguramente sobre o assunto.

De como um medico nervopata não se preocupou com o caso e disse duas «blagues»

Fomos ao consultorio do primeiro, ali, numa saltada. E' um dos mais afamados medicos portugueses, cuja clara intelligencia se tem nitidamente afirmado querno campo da politica, onde tem exercido

a sua actividade, quer na sua obra scientifica. E', além de um especialista de doenças nervosas e mentaes, um *diletantti* em coisas d'arte, e por isso, tudo o indicava para apreciar, sob o duplo ponto de vista patologico e artistico, a poesia dissonante do *Orfeu*.

Estava, e dispoz-se gentilmente a receber-nos. Era, porém, necessario esperar um pouco. Para passar o tempo, fomos folheando o *Orfeu*. Logo na introduccão, escrita numa linguagem rasteira e desconexa, um dos pequenos sentenciava: «Bem representativos da sua estrutura, os que a formam em *Orfeu* concorrerão dentro do mesmo nivel de competencias para o mesmo ritmo, em elevação, unidade e discreção, de onde dependerá a harmonia estetica que será o tipo da sua especialidade.»

Fazemos-lhe o favor de perceber. Quer ele dizer na sua que os jovens *luaricos* afinam todos pelo mesmo diapásão. Vejamos:

Labirinto de sonhos. Adormeço-me olro
Ancia apagada. Deus desce minha alma em olro
Meus olhos p'ra te ver, arcadas nos espelhos.
Um deles

Idade acorde d'Inter sonho e Lua
Onde as horas corriam sempre jade.

Outro

Não posso estar em parte alguma. A minha Patria é onde não estou. Sou doente e fraco
O commissario de bordo é velhaco
Viu-me co'a a sueca... e o resto ele adivinhava
Um dia faço escandalo cá a bordo,
Só para dar que falar de mim aos mais.

Terceiro

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais
Deixai-me partir a cabeça de encontro ás vossas esquinas,
O' fazendas nas montras! O' manequins! O' ultimos figurinos!
O' artigos inuteis que toda a gente quer comprar!
Olá grandes armazens com varias secções!
O meomissimo

Uff! Afinal o *Orfeu* é uma amalgama desharmoniosa de dispaute-rios. Não merece a pena ver mais. Vamos até á janela. A tarde é calma e no «Oriente, ao oriente do Oriente», num céu em que «Iris dorme meu Ser em cortinados lassos», definemse manchas vagas «em portos d'alquimia», como eles dizem.

Mas o doutor manda-nos chamar. Damo-nos pressa em interrogar-o:
—Doutor. Os rapazes são malucos?

—Ora! São meninos sem talento que querem chamar sobre si as atenções do publico vomitando asneiras. Uns copiam detestavelmente Eugenio de Castro, na sua fase dos *Oaristos*, outros plagiam horivelmente alguns poemas do Só. Ha um novel poeta que publica um soneto sem pontuação alguma. E' a sua originalidade. E todos fazem

"A Luta" 11-IV-1915 (anotaciones)

um simbolismo idiota e grotesco, sem elevação nem critério. Pergunta-me se são produções de degenerados. Nada disso. Esses escreveriam melhor. Querem chamar sobre si o escândalo, mas nem isso conseguem. Repare nos nomes: Carneiro, Guisado. Um mau *carneiro* pessimamente *guisado*. Intolerável.

—Quê!? Não são artistas nem loucos, nem profetas?

—Não. São *chuchadores* de mau gosto.

—Lá *chuchadores*... Os homens, afinal, parece que fazem aquillo muito a serio.

—Então levem-nos para os manicômios, e metam-nos nos pavilhões dos dementes. Não são dignos de se juntarem com os perseguidos e delirantes. Eses são muito mais espertos...

E ficámo-nos com esta, além da recomendação de não declinarmos o nome do nosso illustre entrevistado.

O sr. dr. Julio de Matos, diretor do Manicomio Bombarda, manifesta também pelos poetas do «Orfeu» o maior desdém

Dirigimos, dali, os passos para Rilhafolles. Declinada a nossa identidade, o não menos illustre psiquiatra sr. dr. Julio de Matos, cuja alta capacidade scientifica se celebrizou justamente, e é também, a par disso, um homem a quem as manifestações da Arte não deixam indiferente, recebe-nos no seu gabinete com a mais cativante urbanidade, e dá-nos em poucas e concretas palavras a sua opinião:

—Eu ainda não li a nova revista. Mas, essas creaturas são em geral individuos que querem á força celebrar-se provocando o escândalo. A concorrência nas sociedades modernas é terrível. Custa muito a fazer um nome. Por isso, os poetas do *Orfeu* escrevem esses disparates, talvez com o fito,—se é que teem talento—de passarem depois a escrever coisas de valor, quando já todos tiverem reparado suficientemente nos seus nomes. De resto, o processo não é original. Já Eugenio de Castro e outros poetas que se intitulavam decadentes, o usaram. Antonio Nobre, que antes de ir para Paris fizera magníficos versos, da boa forma portugueza, depois fez-se decadentista e deu-nos poesias, que, afinal, foram as que mais agradaram. No entanto, esses tinham real talento. Estes não sei se o terão.

Como o nosso entrevistado não lera ainda o *Orfeu*, lemos-lhe nós algumas passagens. Encolheu os

hombros. Por fim chamámos-lhe a atenção para os versos:

Caiu-me agora um braço... Olha, lá vae ele a
valsar
Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei

—Isso é o que nós chamamos, em terminologia tecnica, a *disso-ciação da personalidade*, como se dá com certos doentes atacados de histeria, que, durante a crise, escrevem e agem como se fosse sob a inspiração de terceira entidade. Mas esses, passado esse momento, não se recordam de nada e não são capazes de dar forma ás suas alucinações. Os do *Orfeu* são apenas simuladores. E' evidente que quem quizer ser extravagante tem de se assemelhar aos loucos. O terreno comum onde se encontram é o disparate. Em França, com os românticos, succedeu um pouco o mesmo. Para escandalisarem a susceptibilidade burgueza, passaram a andar vestidos de cores ber-rantes, de maneira diferente de todos. Beaudelaire, um dia, chegou-se ao pé de um sujeito que estava em companhia de tres filhas e perguntou-lhe qual delas é que se destinava á prostituição... Ora isto significaria que Beaudelaire era mal-criado, no verdadeiro sentido da palavra? Por certo não. Apenas significava o proposito consciente e premeditado de ferir, de *épater le bourgeois*. Um dia, este poeta teve a excentricidade de pintar os cabelos de verde. Os amigos, que já estavam prevenidos, não fizeram caso. Beaudelaire, que queria causar impressão, ficou fúlo por não lhe ligarem importancia. E tratou logo de rapar o cabelo á escovinha, coisa que não se usava, para ver ainda se conseguia despertar as atenções. E' evidente que estas creaturas não são absolutamente equilibradas. Mas também não é justo chamalhes doidos. Deixem-nos lá. A minha opinião resume-se nisto: Os senhores fazem mal em ligar-lhes importancia, em fazer-lhes reclame. Isso é o que eles querem.

Portanto não são doidos. E' acusado ter dó. Podemos rir-nos deles...



A Luta

11-11-1915 (an. Luta)